
A LINGUAGEM DE ALBERTO RIBEIRO LAMEGO

Álano Barcelos

Professor de Linguística da Faculdade de Filosofia de Campos



OPINIÃO

A língua é a principal manifestação cultural de um povo. Reflete o seu temperamento, as suas características psicológicas, os hábitos, a maneira de ser. É ela, a um tempo, reflexo e condição em que se opera a cultura. E é uma ressonância da terra, da paisagem física e social, da nossa formação religiosa, política e econômica.

Descrevendo com mão de mestre os "Setores da Evolução Fluminense", em que estuda o grau de cultura de um povo em função dos fatores geográficos, das contingências ambientais, Alberto Ribeiro Lamego soube valorizar a boa linguagem que nos legaram os nossos maiores, procurando preservar, em finas análises, os autênticos valores da gente e da terra fluminenses. Manteve sempre, escrevendo, um espírito ascensional, na utilização e na escolha dos recursos morfossintáticos. Seu vocabulário é sempre adequado e preciso, fugindo ao precioso e, raras vezes, remete o leitor ao dicionário.

Observa-se na obra de Lamego que ele conhecia bem a língua portuguesa e seus recursos. Revela-se um conhecedor dos nossos clássicos, mas, homem do seu tempo, assimilou o estilo moderno, como se pode notar nos seus períodos curtos, valorização dos substantivos, emprego de frases nominais, pontuação caracterizada pelo ponto final, economia de adjetivos.

É evidente que tais recursos devem ser utilizados e são adequados à linguagem científica, que, via de regra, seca, encontra em Lamego um instrumento de beleza e de expressão. Sou tentado a mostrar esta passagem que anotei em "O Homem e a Restinga":

"Tão grande é o número das lagoas de restingas e tão precária a sua existência, que se torna impossível individualizar a grande maioria. Umas, como a Campelo, Taí Grande e a Lagoa Salgada, por exemplo, podem atingir a mais de quilômetros de largura, denunciando um salto brusco no recuo do mar. Certo número raramente excede a uma centena de metros. A grande maioria, porém, é formada de sulcos rasos na faixa arenosa empanhados em lugares, e em outros completamente secos.....O que relaciona entre si, porém todas estas variedades de lagoas é a sua extensão. Por quilômetros a fio vemo-las se alongarem. Nas grandes chuvadas, ligações inapercebíveis a olho nu servem de caminhos d'água onde a vegetação bruscamente reverdece."(LAMEGO. O homem e a restinga, 1974, p.96).

Dada a limitação de um simples artigo, todas as abonações dos textos de Lamego pertencem à citada obra.

Sou instado a concentrar-me na sintaxe, porque aqui é que nosso autor é expressivo. Poderia também examinar o vocabulário, mas isto seria trabalho minucioso demais e fora de propósito nesta oportunidade, embora pudesse esclarecer muitos aspectos da linguagem do grande geólogo e sociólogo.

Impressiona sobretudo o equilíbrio entre o nível da linguagem do escritor e do leitor, conseguindo-se assim um feliz compromisso da língua literária com a língua corrente.

Falando das relações entre o homem e o meio, diz Lamego: "A terra atrai o homem. Mas as características fundamentais do meio regional selecionam logo de começo o imigrante. Em cada raça, em cada grupo, em cada povo, por mais aparentemente uniforme que se apresente a psicologia coletiva, há sempre tamanhas disparidades individuais que, afastado o ambiente pátrio nivelador, logo ressaltam as tendências próprias e singulares de cada homem" (*Idem, ibidem*, p. 219). E analisa, a seguir, os predicados étnicos de cada povo que se mantêm apesar de forte influência do meio físico.

Não tive a felicidade de conhecer Alberto Ribeiro Lamego de perto. Mas o sabia, através dos seus trabalhos, preocupado com o destino do país. Em 1959, no prefácio que preparou para a segunda edição de "O Homem e a Restinga", invectiva a prática política desorientada e fisiológica. Muito justas e atuais estas considerações.

"Na política, oposições tenazes, permanentes, e mesquinhas partidárias antepondo-se à nação. A insinceridade por princípio, o pistolão por meio e por fim a sinecura. Talentos na penumbra e nulidades em poleiros." (*Idem, ibidem*, p. 14).

E remata com indignação:

"Contrastes sociais hediondos. O luxo de argentários fartos na trapaça e crianças na indigência dos farrapos. Vaidades granfinescas do grotesco e misérias que pululam, chocadas em favelas. O crime, o jogo, o entorpecente epidêmicos nas metrópoles a corroerem corpos e almas." (*idem, ibidem*).

Mais à frente adverte:

....."não obstante alterações sensíveis, progressistas, que já se notam na terra fluminense, como alhures, são elas desconexas. Aparente solução material, sem que se vise a socialização dos bens. (grifo nosso).

Como se vê, é bastante atual a visão sociológica de Lamego.

A pequena mostra dos textos de grande escritor é um convite a que se leia e medite a sua obra, onde o leitor se convencerá de que Alberto Lamego foi um dos maiores escritores fluminenses de todos os tempos; conhecia e dominava a língua portuguesa, que aprendeu nas melhores fontes clássicas e modernas; o conjunto de sua obra revela perfeita unidade estilística, não se notando de graus de progresso. Era um escritor consumado, que assumiu atitude dialética, procurando sempre equilíbrio entre tradição e renovação.

Referências bibliográficas:

- [1] LAMEGO, Alberto Ribeiro. O homem e o brejo. Rio de Janeiro : Biblioteca Geográfica do C.N.G., 1946.
- [2] _____ O homem e a Guanabara. Rio de Janeiro : Biblioteca Geográfica Brasileira, 1948.
- [3] _____ O Congresso Nacional de geologia de Londres. Rio de Janeiro : DGM, 1948.
- [4] _____ O homem e a serra. Rio de Janeiro : Biblioteca Geográfica Brasileira, 1950.
- [5] _____ O homem e a restinga. 2ª ed.. Rio de Janeiro : Lidador, 1974.